

Putin, de amigo do Ocidente a rival que usa a ameaça nuclear

Líder russo, que rumo para a reeleição amanhã, metamorfoseou-se em duas décadas e meia de poder no Kremlin

FILIPPE BARENI
www.filippebareni.com.br

“A Rússia é parte da cultura europeia. E não consigo imaginar meu próprio país isolado da Europa, e do que podemos chamar de mundo civilizado. Então é difícil para mim visualizar a Otan como inimiga. Penso que fazer essa pergunta não fará nenhum bem à Rússia e ao mundo, e acho que ela é capaz de causar danos”.

Em março de 2000, semanas antes de assumir o posto como o segundo presidente eleito da Rússia pós-União Soviética, Vladimir Putin declarou ao jornalista Robert Frost que um confronto com a Otan não estava em seus planos, pelo contrário. Como revelou anos depois George Robertson, que liderou a principal aliança militar do Ocidente, Putin chegou a perguntar, na mesma época, “quando se reconvocará” para se juntar à organização.

Um corte para duas décadas e meia depois, agora no discurso sobre o Estado da União ao Parlamento, de 2024, e para uma visão de mundo bem diferente.

— Eles começaram a falar sobre a possibilidade de enviar contingentes militares da Otan para a Ucrânia. Mas lembremos o destino daqueles que outrora mandaram seus contingentes ao território de nosso país. Mas agora as consequências para intervenções nortistas serão muito mais trágicas. Em última análise, eles precisam entender que tam-

bém temos armas que podem atingir alvos em seu território.

Amanhã, Vladimir Vladimirovich Putin, 71 anos, deve ser eleito para mais um mandato, à frente de um país bem diferente daquele que, aos 47, assumiu internamente após a renúncia de Boris Yeltsin, no último dia de 1999, e da sua primeira vitória nas urnas, por sinal, a mais difícil das últimas duas décadas.

Naquele ocasião, a Rússia ainda tentava se recuperar dos terríveis anos 1990, quando uma versão extrema do capitalismo tomou de assalto o país, com a onda de privatizações, entrada de empresas vindas de todo o mundo e, no fim da década, uma crise que levou a uma moratória e jogou milhões de pessoas na pobreza.

EX-AGENTE DA KGB

Putin, um desconhecido agente da KGB (a agência de espionagem soviética) que chegou a agência sucessora, a FSB, despistado como uma cara nova dentro dos muros do Kremlin. No discurso de posse, em maio de 2000, falou em liberdade, prosperidade, respeito e “injeção” dessa nova Rússia no cenário global.

— Há diferentes Putins se olharmos para os últimos 20 anos e além. Vamos perceber que Putin defendia algumas ideias diferentes, e nós o encontramos até articulando posições até liberais sobre como a Rússia deveria ser conduzida — disse ao GLOBO Sergey Radchenko, historiador e professor da Universidade Johns Hopkins. — Ele se tornou mais



Novo czar? Mulheres posam diante de um mural com o rosto de Putin após votarem em Donetsk, região da Ucrânia ocupada pela Rússia: desde 1999 no poder

autoritário e mais anti-Ocidente como tempo, e agora temos um Putin que bem diferente daquele dos anos 2000. Putin foi o primeiro líder estrangeiro a telefonar para o presidente George W. Bush após o 11 de Setembro, e a subsequente invasão do Afeganistão via níveis sem precedentes de cooperação bilateral.

Um ano depois, foi criado o Conselho Rússia-Otan, ampliando laços semeados no governo Yeltsin (1991-1999) — comunicado que marcou a criação desse fórum afirma que

“uma nova relação entre a Otan e a Federação Russa vai constituir uma contribuição essencial para que seja atingido o objetivo” da proteção da segurança coletiva dos membros da aliança e dos próprios russos. Uma adesão da Rússia era vista não mais como uma piada, mas como uma possibilidade, embora remota.

Mas como Radchenko aponta, mesmo nesse momento de aproximação, Putin deu vazão a ressentimentos antigos sobre o Ocidente, agora ligados à percepção de que Moscou não tinha o mesmo brilho do passado e que suas opiniões não eram mais levadas em conta.

A Guerra ao Terror marcou um período em que os EUA

exerceram seu status de única potência global e tomaram decisões que desagradaram aos russos. A rodada de expansão da Otan de 2004 levou para a aliança militar sete países do Leste Europeu, sendo três — Letônia, Estônia e Lituânia — ex-repúblicas soviéticas. Planos americanos para instalar um sistema de mísseis na Polônia e na Romênia foram duramente atacados por Putin e considerados uma ameaça direta contra seu país.

Face mais autoritária do presidente foi se mostrando cada vez mais após 2011

O descontentamento parece ter chegado ao ápice em 2007, quando Putin declarou, durante a Conferência de Segurança de Munique, o fim do mundo unipolar.

— Esse termo se refere a uma situação, um centro de força, um centro de tomada de decisão, é um mundo onde há apenas um mestre, um soberano — disse Radchenko. — Isso certamente não tem nada em comum com a democracia. Como os senhores sabem, a

democracia é o poder da maioria diante dos interesses e opiniões da minoria. Incidentalmente, a Rússia sempre recebeu lições sobre democracia. Mas, por alguma razão, aqueles que nos dão lições não querem aprender.

Ao mesmo tempo em que Putin dava lições de democracia ao mundo e começava a questionar acordos internacionais, como os de controle de armas nucleares, seus opositores em casa sentiam a repressão aumentar. Assassinatos como o do ex-espão Alexander Litvinenko, em 2006, e a morte em circunstâncias suspeitas do oligarca Sergei Magnitsky, em 2009, mostravam um governo sem paciência para dissidências. A partir de 2011, com os protestos liderados por figuras como Boris Nemtsov e Alexei Navalny, a face mais autoritária de Putin se tornou visível, sem filtros.

— Em parte, isso diz respeito a um vício pelo poder, esse é um problema conhecido, e quanto mais tempo ele fica no poder, menos opções ele viu para uma saída pacífica do cargo, e mais determinado ele ficou para continuar no cargo — disse Radchenko. — Em 2014, com a anexação da Crimeia e o apoio aos separatistas na Ucrânia, o país se viu

diante de sanções internacionais, que contribuíram para a radicalização do discurso anti-Ocidente, mas ainda sem o isolamento visto agora após a invasão do país vizinho — basta lembrar que em 2018 a Rússia recebeu a Copa do Mundo.

ISOLADO E RADICALIZADO Radchenko aponta outros dois “marcos” do caminho autoritário de Putin: o referendo sobre mudanças constitucionais que abriu caminho a mais dois mandatos presidenciais, permitindo que fique no cargo até 2036. A pandemia de Covid-19, quando Putin se fechou em seu palácio de Novo-Ogaryovo, serviu como elemento a mais seu reatendimento, e a redução do círculo de poder, agora restrito a poucos ministros e assessores.

Segundo analistas, a decisão de invadir a Ucrânia foi tomada devido a esse isolamento, quando Putin teria “mergulhado” em livros e argumentos históricos sobre o país vizinho e reforçado visões conservadoras, com toques até imperiais, sobre a forma como a Rússia deveria ser governada e conduzida para o futuro. Uma postura que talvez os russos que votaram no Putin de 47 anos não endossassem naquele hoje distante ano 2000.

Seções eleitorais sofrem ataques

➤ Ao menos 13 pessoas foram detidas por violarem as regras eleitorais no primeiro dia das eleições presidenciais na Rússia, que começaram ontem. A maioria dos incidentes foi em Moscou, Voronezh (sul) e na região de Cáucaso do Norte (Cáucaso), disse a agência Tass.

➤ As autoridades não esclareceram

se os atos eram protestos contra o presidente Vladimir Putin, que rumo para garantir mais um mandato e ficar no cargo até 2030, ao menos. A Comissão Eleitoral Central afirmou que 35,4% dos eleitores já votaram.

➤ Em São Petersburgo, uma mulher lançou um coquetel molotov contra uma escola que servia como seção

eleitoral. Ninguém ficou ferido. Em Moscou, uma mulher ateu fogo a um gabinete de votação, e em Kirovograd, na região de Khar'y-Mans, outra foi detida ao tentar pagar um coquetel molotov contra uma urna. Também ontem, investigadores de Moscou disseram que abriram um processo criminal contra uma mulher que derramou tinta verde

em uma urna após votar. Ela foi detida, publicou a Reuters.

➤ Dois casos semelhantes foram registrados em seções eleitorais de Sverdlovsk, na Crimeia, península ucraniana anexada em 2014.

➤ Em Sochi, no Mar Negro, em Skudovsk, cidade do sul da Ucrânia ocupada pela Rússia, um artefato explosivo

numa lata de lixo foi detonado em um recreio infantil. Não houve feridos. Uma fonte disse que a Ucrânia atacou locais de votação na cidade ocupada de Kakhovka.

➤ Presidente da Comissão Eleitoral Central, Ella Pamylova disse que interferir na eleição pode resultar em até 5 anos de prisão.

Amores da juventude, ditadura, reforma: Francisco conta sua vida

Em autobiografia, Papa diz, aos 87 anos, que renúncia não está em seus planos

CRISTÓFARO DE VITTORE

O Papa Francisco afirmou que, apesar de seu estado de saúde, não tem motivos para renunciar. A declaração foi feita numa autobiografia a ser lançada na terça-feira pela editora HarperCollins. Em “Vida: minha história na História”, o papa também relembra seus primeiros amores e a última ditadura na Argentina, e faz um relato de seus 87 anos de vida e 11 de papado. Aliado por problemas de

saúde, o Papa afirma que não tem “motivos sérios” para renunciar, e que decisão é uma “hipótese distante”, justificada só em caso de um “grave impedimento físico”. Apesar de ter passado por uma cirurgia abdominal em 2023 e por várias bronquites nos últimos meses, ele mantém um ritmo intenso em Roma e planeja viajar à Ásia este ano.

Embora boa parte da vida de Jorge Mario Bergoglio já fosse conhecida, o livro — uma conversa com um jornalista

italiano — traz novos detalhes. O primeiro Papa sul-americano fala de sua “namorada” na adolescência e de um “pequeno desliz” de quando era seminarista e ficou “deslumbrado” por uma garota, que o deixou “encantado por ser bonita e inteligente”.

“Durante uma semana, tive sua imagem sempre em minha mente. Foi difícil rezar! Depois, felizmente, sou passageiro e me dediquei de corpo e alma à minha vocação”, relatou no livro, que teve trechos



“Pequeno desliz”. Papa cita menina que o encantou na época do seminário

divulgados ontem pelo jornal italiano Corriere della Sera. O livro também aborda os anos de ditadura militar (1976-1983) e as acusações sobre seu papel na época. Bergoglio ocupava posições de liderança na Igreja argen-

na e foi acusado de não fazer o suficiente para proteger jesuítas e outros opositores políticos perseguidos na ditadura. Dois missionários, Orlando Yorio e Francisco Julias, foram sequestrados, presos e torturados em 1976.

“As acusações contra mim continuaram até recentemente”, lamentou o ex-arcebispo de Buenos Aires, que foi por muitos anos apontado como cúmplice da ditadura e negligente. “Mas, no final, não encontramos provas porque eu estava limpo”, assegurou. Além disso, um capítulo inteiro do livro é dedicado ao futebol, uma das paixões do Papa, e ao Maradona na Copa do Mundo de 1986.

Tres meses depois de ter causado polêmica ao autorizar a bênção de casais homossexuais, Francisco minimizou as acusações de que está “destruindo o papado” reformando a Igreja. Ele disse que sempre há “os que tentam fazer a reforma e os que gostariam de ficar imóveis na época do Papa-Ber”.